

CASTELO INTERIOR ou MORADAS

Série **ESPIRITUALIDADE**

• *Caminho de perfeição*, Santa Teresa de Jesus • *Castelo interior ou moradas*, Santa Teresa de Jesus • *Conselhos e lembranças*, Santa Teresinha • *História de uma alma*, Santa Teresinha • *Livro da vida*, Santa Teresa de Jesus • *Não morro... entro na vida - últimos colóquios*, Santa Teresinha • *Confissões*, Santo Agostinho • *O diálogo*, Santa Catarina de Sena • *O espírito de Santa Teresa do Menino Jesus*, Carmelo de Lisieux • *Santa Teresa de Jesus, mestra de vida espiritual*, Fr. Gabriel • *Retiro com Santa Teresinha do Menino Jesus*, Pe. Liagre • *São João da Cruz - doutor do Tudo e Nada*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino, OCD • *São João da Cruz - noite escura lida hoje*, Jesús. M. Ballester • *Itinerário espiritual de São João da Cruz*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino, OCD • *Vida de Santa Catarina de Sena*, Fr. João Alves Basílio, op • *O amor não cansa nem se cansa*, São João da Cruz • *Teu amor cresceu comigo - Teresa de Lisieux: Gênio espiritual*, Pe. M. Eugênio, OCD • *A Virgem Maria*, Santo Agostinho • *As orações*, Santa Catarina Sena • *O dom de si*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino, OCD • *As cartas*, Santa Catarina de Sena • *Itinerário espiritual de S. Teresa de Ávila - mestra de oração e doutora da Igreja*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino, OCD • *As ideias fundamentais da espiritualidade de Santa Teresinha do Menino Jesus*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino, OCD • *A espiritualidade do eneagrama: Da compulsão à contemplação*, Suzanne Zuercher, OSB • *Elisabete da Trindade: Viver a partir do interior da alma*, Frei Pedro Paulo Di Bernardino • *O livro do Mestre*, Rulman Merswin • *Quando você for orar... - Guia e ajuda para iniciar-se na oração*, Maria Dolores López Guzmán • *Uma Espiritualidade para o nosso tempo à luz do apóstolo Paulo*, Valdir José de Castro • *A direção espiritual: Pastoral do acompanhamento espiritual*, Tomás Rodríguez Miranda • *Surpresas pelo caminho: 50 caminhantes entusiastas*, Richard A. Hasler • *Ao sopro do espírito: oração e ação*, Frei Maria-Eugênio do Menino Jesus • *Evangelizar*, José Comblin • *Tratado sobre o amor de Deus em Viktor Frankl*, Nei Ricardo de Souza • *Diário da alma*, Joao XXIII

SANTA TERESA DE JESUS

CASTELO INTERIOR
OU
MORADAS



Tradução

Carmelitas Descalças do Convento Santa Teresa, Rio de Janeiro,
segundo a edição crítica de Frei Silvério de Santa Teresa, OCD

Capa

L. Cassoli & M. Dagher

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 1981

20ª reimpressão, 2015

© PAULUS – 1981

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627

Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-0333-2

INTRODUÇÃO

Se perguntassem que tipo de livro é o Castelo Interior, certamente poderíamos classificá-lo como um guia de viagem.

Por surpreendente que seja, a afirmativa nada tem de falso. Apenas é necessário que se atente para as peculiaridades deste livro, em face de outros relatos de viagens comuns. Se é que os há comuns. Toda viagem tem sua dose de surpresa, em função da realidade visitada e dos olhos de quem a vê.

O próprio século de santa Teresa apreciou muitas histórias de aventuras nada comuns. Nascida em 1515, sua vida coincide com o alargamento do mundo conhecido, através das grandes navegações e descobertas. Teria algo de rotineiro embrenhar-se pelas cordilheiras e selvas americanas, ou rumar para o oriente misterioso e rico? Haveria algo de comum nas narrativas dessas viagens — como as de Hans Staden, André de Thevet e outros, que descreviam de forma fabulosa e mítica as terras recém-achadas a oeste, além do oceano?

Não — sem sombra de dúvida. O que, porém, diferencia o Castelo Interior das demais é o rumo a ser tomado. As outras descrições tratavam de aventuras exteriores — em terras muito, muito distantes. Teresa descreve aventuras experimentadas em rota mais surpreendente e misteriosa, pelos caminhos do mundo interior.

Como quem já os percorreu, ela escreve. Os que se lançam por eles, pela primeira vez, podem assim abrir

seu guia de viagem e se orientar. Com uma vantagem. Os guias comuns, encontráveis nos escritórios de turismo, relatam friamente os pontos de interesse e nada mais. O guia de Teresa equivaleria propriamente a uma conversa. Aquela que já conhece o roteiro conta o que viu aos que vão partir. Não só o que se pode ver, mas também pequenos cuidados — coisas geralmente esquecidas: onde achar pouso seguro, qual a estrada mais indicada, o que temer e em que confiar. A rota interior nada tem a ver com mera viagem de turismo. É rota de migração. Quem parte deseja alcançar o termo para aí ficar. Torna-se, portanto, imprescindível achar um guia seguro, que não permita errar o caminho.

Esse movimento é claro na estrutura das Moradas. A Autora concebeu-as num esquema muito simples: um objetivo a ser alcançado e uma alma que avança até ele. O objetivo aí seria, não um país distante, mas o próprio interior da alma: um castelo. E por que um castelo? Porque nele mora um Rei.

Para se compreender a razão de tal figura, não se pode também esquecer que Teresa nasceu em terras de Castela. Sua cidade — Ávila — lembra um imenso castelo, com muralhas, portões, vigias e torres, onde se agitavam monges e cavaleiros, preocupados em correr caminhos: estes, as velhas estradas da Espanha; aqueles, as sendas do próprio espírito. Não era sem razão que Ávila se chamara “cidade dos cavaleiros e dos santos”.

O castelo medieval, com sua estrutura maciça, aparece assim como uma das bases da metáfora usada pela autora. Não, porém, como única. Sua concepção é mais abrangente. Não se deve imaginar tal castelo num mesmo plano, nem seus recintos como enfileirados. Não. O castelo é um diamante, em que todas as moradas se colocam ao redor da central, onde está o Rei. Mais que a própria construção em si, interessa quem a habita. Tudo mais será regulado em função deste cen-

tro. *Interessa o âmago — como num palmito, diz a Madre, em que há muitas camadas envolvendo a medula saborosa.*

Essas camadas são compostas de moradas ou aposentos. No castelo há muitas delas. Hoje pensaríamos num arranha-céu, com sua infinidade de apartamentos, repletos de gente. Porque também nas moradas interiores há muita gente. A única diferença é que a Santa insiste em que se deve considerar tudo com amplidão, sem medo de exagerar. Nada de aposentos estreitos e escuros. Ela própria se espanta diante da capacidade de uma alma, reconhecendo que muito pouco sabemos a seu respeito.

Uma alma é tão ampla quanto um mundo. Um mundo vivo e repleto de gente e segredos. A gente do castelo são as faculdades — a inteligência, a vontade, a memória, a imaginação e os próprios sentidos. Como parentes, amigos e servidores, às vezes ajudam, às vezes atrapalham. Costumam se desorientar sobretudo quando o Hóspede se faz notar, saindo de seu aposento para comunicar-se com o espírito.

A série de comparações e figuras — inspiradas na vida de um castelo — constitui assim o fio orientador da obra. Foi um feliz achado — a própria Teresa o admite, acrescentando que servirá de base para tudo o que disser. Através dele pôde a Santa alinhar num só corpo um conjunto de indicações e considerações muito amplo. A ideia do castelo — ora como um palácio medieval, ora como diamante transfigurado pelo Sol interior — perpassa todo o livro.

Não pensemos, porém, que a Autora se prenda a essa ideia de forma exclusiva. Há muitas passagens em que temos a impressão de que a figura inicial foi esquecida e substituída por outras. É que Teresa tem esse jeito de explicar as coisas, fazendo comparações. Ela confessa ter “esta vaidade”: a de achar que, explicando a seu modo —

usando figuras — torna-se mais fácil entender. Assim vai dizendo coisas indizíveis, fazendo-se compreender com clareza e elegância.

As comparações se sucedem. Deus é como um sol no centro de um diamante — a alma como pedra preciosa traspassada pela luz. A alma é árvore plantada à beira de regato límpido, se em estado de graça; junto a lodaçal, se em pecado. O amor é como abelha — nunca para, sempre se exercitando em fabricar seu mel. O pecado é mordida de víbora, que provoca inchação constante. As paixões e vícios são animais daninhos e selvagens, enquanto os devaneios da imaginação lembram lagartixinhas muito delgadas, que penetram em todo canto. O corpo é a cerca do castelo. Sua porta de entrada é a oração. A última das moradas, a mais interior, um camarim real. E muitas outras metáforas, dentre as quais duas são da maior importância: a do bicho da seda e a do matrimônio espiritual.

A referência à primeira surge nas quintas moradas — e constitui um verdadeiro limite na obra. Com efeito, poderíamos separar num grupo as quatro primeiras moradas e noutra as três últimas. É que então se inicia a metamorfose da alma — como a do bicho da seda em borboleta — através das graças de união com Deus. Vai assim se preparando para o noivado espiritual — extensamente descrito nas sextas moradas — e para o matrimônio. Todas as graças sobrenaturais, as comunicações místicas com o divino Hóspede visam transformar a alma, tornando-a apta para o divino matrimônio, objetivo final, a ser realizado nas sétimas moradas, no camarim do Rei.

Pois esta é a grande descoberta que Teresa pretende divulgar: Deus habita no mais íntimo da alma. Tal verdade — compreendida por ela através da experiência — é das formulações mais antigas de seu pensamento. Contra ela se posicionaram inclusive vários de seus confessores, que admitiam essa presença divina apenas através da gra-

ça, nunca em essência. Teresa, porém, é clara: Deus se encontra na alma como se encontra no céu. Por isso mesmo a própria alma é outro céu, no qual se pode entrar através da oração. Isso é importante frisar — o Castelo Interior é guia para a vida de oração. Guia de viagem por esse imenso mundo íntimo.

Ora, difícil tarefa é descrever todos os recantos de um roteiro assim extenso e variado, sem falar nos segredos comunicados por Aquele que permanece em seu termo. É necessário lançar mão de muitos recursos, a fim de se fazer entender. Esta é a preocupação maior da Santa: fazer-se entender de modo claro e simples.

O livro nasceu mesmo desse desejo, conforme conta o padre Graciano da Mãe de Deus, de quem partiu a ordem para que o compusesse. Diz ele: “O que se passa a respeito do livro das Moradas é o seguinte: eu era seu superior, — isto é, de Teresa. Conversando certa vez com ela sobre muitas coisas de seu espírito, dizia-me: ‘Oh! como isso está bem escrito no livro de minha vida, que se encontra na Inquisição!’ Disse-lhe então: “Pois já que não o podemos ter, recorde-se do que for possível e escreva outro livro, acrescentando outras coisas. E explique a doutrina de modo geral, sem indicar a quem aconteceu o que disser”.

Tais palavras concordam com o que a Santa esclarece no prefácio à obra: escreve por obediência; muito do que aqui se diz já se encontrava na sua autobiografia; nem tudo, porém, será mera repetição — há o objetivo de acrescentar dados novos e de formular a obra sob um ponto de vista radicalmente distinto da anterior. Na Vida, a doutrina entrava apenas como complemento, na medida em que os fatos narrados permitissem divagações de caráter geral. Aqui, a doutrina tem o primeiro plano, embora a Madre afirme tratar apenas do que entendeu por experiência. Desta forma, verifica-se uma constante tensão na composição das Moradas: de um lado, o cuidado

em escrever um tratado; de outro, a constante busca dos fatos de sua própria experiência, que devem fundamentar a exposição geral.

É justamente nessa rigidez que se encontra o segredo de seu estilo. Teresa não sabe ser totalmente impessoal. Ela própria afirma ter insuficiente base teórica para o que vai escrever. Leituras não lhe faltavam — na Vida, afirma ter sido sempre amiga de bons livros. Conhecia — fato comprovado — alguns dos mais importantes tratados espirituais da cristandade de seu tempo, como o Terceiro Abecedário, do franciscano Francisco de Osuna, que tem papel decisivo em sua trajetória espiritual; as Meditações e os Solilóquios, atribuídos então a Santo Agostinho; ou o Tratado de Oração e Meditação, de seu contemporâneo Pedro de Alcântara, entre outros.

Entretanto, no momento em que escreve seu tratado, Teresa não tem às mãos nenhuma dessas obras. Quando se refere a alguma, fá-lo de memória, acrescentando algumas vezes que não tem certeza das palavras exatas. Tal se passa inclusive com as citações do Antigo Testamento e dos Evangelhos. Não seria próprio de Teresa de Jesus escrever com base em consulta a outros livros — é absurdo imaginar uma coisa desse tipo, que foge completamente a sua espontaneidade. Nem tinha ela então tempo suficiente para rever, sequer para reler o texto.

O momento histórico da composição do Castelo Interior corresponde ao da grande perseguição contra os descalços. Nesse período, frei João da Cruz é preso e o padre Graciano, de completa confiança da Santa, afastado do seu cargo de provincial. Diante de tais tribulações, sua obra reformadora parecia fadada ao desaparecimento. Há, pois, grandes hiatos na composição do livro. Várias vezes se refere ela ao grande tempo transcorrido desde que o deixou, bem como à impossibilidade de reler o que já estava pronto.

Essas interrupções seriam responsáveis por certas mudanças de estilo que se observam no decorrer do livro. Os espaços de tempo mais longos seriam os decorridos entre a composição do primeiro e segundo capítulo das quartas moradas e no capítulo terceiro das quintas, no qual ela afirma haver passado três meses sem escrever. Os dois últimos capítulos das quartas e os três primeiros das quintas moradas correspondem justamente à época mais tempestuosa de sua vida, — os últimos dias de sua permanência em Toledo, no ano de 1577.

A isso se acrescenta sua saúde abalada. Ela declara, logo no princípio, parecer-lhe impossível trabalhar, tal a "zoada" que lhe atormentava a cabeça. Mais adiante, analisa o seu estado com a perspicácia que lhe é própria, o que empresta ao relato um tom profundamente vivencial.

Testemunho de vida — isso é o que distingue sobretudo as obras deixadas por Teresa. Como ela mesma afirma e reafirma, só fala do que conhece, razão pela qual é ela ainda quem diz — vai sempre lembrando tratar-se de sua opinião, do que lhe parece. Certeza tem, todavia, de uma coisa: o que diz é verdade. Certeza própria dos que dominam o assunto de que tratam. Dos que têm autoridade.

Tanto assim, que seu magistério sempre foi reconhecido pela cristandade como autêntico e seguro. Nunca, porém, tanto como hoje. A declaração de seu doutorado, pelo papa Paulo VI, é prova disso e, ao mesmo tempo, um convite a tomarmos sempre seus ensinamentos oportunos e atuais. O próprio Papa afirmou — por ocasião da solenidade do doutoramento — que agora realmente chegara o tempo de santa Teresa.

Se chegou o tempo de Teresa, começa uma nova etapa de interioridade, de busca de Deus no mais profundo do homem. Começa, pois, o tempo de se redescobrir o Castelo Interior, onde o Criador se encontra com sua

criatura. E não são anjos os que habitam essas moradas — lembre-se. São homens. Eis o motivo por que o livro interessa a todos. Mesmo ao tratar dos fenômenos místicos, a autora não se esquece dos que seguem caminhos não tão extraordinários. Tem sempre o cuidado de dirigir-se também a estes, com conselhos práticos e ponderados.

Se aqui começa o tempo de santa Teresa — repetimos — começa também o tempo das Moradas, seu voo mais alto como mestra espiritual. Sua mais aquilatada joia, no sentido pleno do termo: um material nobre lapidado numa forma impecável.

Tal perfeição de forma e conteúdo é que faz as grandes obras.

PROFESSOR JACYNTHO JOSÉ LINS BRANDÃO
da Universidade Federal de Minas Gerais

O Convento de Santa Teresa do Rio de Janeiro agradece a valiosa colaboração, dedicada e desinteressada, do professor Jacyntho José Lins Brandão na revisão da nova tradução do *Castelo Interior*.

J H S

Teresa de Jesus, monja de Nossa Senhora do Carmo,

escreveu este tratado, que se intitula

CASTELO INTERIOR,

para suas irmãs e filhas, as monjas carmelitas descalças.

PRÓLOGO

J H S

1. Entre as ordens que tenho recebido da obediência, poucas se me afiguraram tão difíceis como a de escrever agora sobre assuntos de oração. De uma parte, não me parece que o Senhor me dá espírito nem inspiração para fazê-lo. De outra, ando há três meses com tanta zoadá e fraqueza na cabeça, que me custa muito escrever até para negócios indispensáveis.

Entendendo, porém, que a força da obediência costuma facilitar o que parece impossível, de muita boa vontade resolvi aceitar o trabalho, embora com bastante relutância. É que não recebi do Senhor a virtude de suportar contínuas enfermidades e múltiplas ocupações, sem grande contradição da natureza.

Assista-me com sua graça Aquele que tem feito outras coisas mais difíceis em meu favor. Em sua misericórdia confio.

2. Pouco mais saberei acrescentar ao que já tenho dito de outras vezes, em escritos que empreendi por obediência. Receio repetir as mesmas coisas. Sou como os papagaios. Aprendem a falar e só sabem dizer as palavras sempre ouvidas, repetindo-as constantemente. Assim acontece comigo, ao pé da letra.

Se o Senhor quiser que eu diga alguma coisa nova, Sua Majestade mesmo me dará sua luz. Ou então me trará à memória o que me fez dizer de outras vezes. Não me lembro bem, mas gostaria muito de acertar com alguns

pontos que, diziam, estavam bem explicados em outros escritos, os quais talvez se tenham perdido.¹ Com isso já me contentaria.

Se nem essa graça o Senhor me conceder, se ninguém tirar proveito de minhas palavras, ficarei com o lucro de ter-me cansado e aumentado a dor de cabeça por amor da obediência.

3. E, assim, começo a cumprir esta obediência hoje, festa da Santíssima Trindade do ano de 1577, neste Mosteiro de São José do Carmo de Toledo, onde atualmente me encontro. Sujeito-me em tudo ao parecer das pessoas muito doutas que me mandaram escrever.

4. Se alguma coisa não estiver conforme a doutrina da santa Igreja Católica Romana, será por ignorância, não por malícia. Pela bondade de Deus, sempre estou, estive no passado e estarei no futuro sujeita à santa Igreja. Seja ele para sempre bendito e glorificado! Amém.

5. Quem me mandou escrever, disse que estas monjas dos nossos mosteiros de Nossa Senhora do Carmo têm necessidade de quem lhes esclareça algumas dúvidas em matéria de oração. Na sua opinião, ninguém lhes poderia fazer tanto bem como eu, se acertar em dizer alguma coisa, visto as mulheres se entenderem melhor umas às outras e estas irmãs me terem tanto amor.

Em tudo o que escrever, irei como que conversando com minhas irmãs. Seria desatino pensar em fazer bem a outras pessoas. Nosso Senhor não me fará pequena mercê se isto servir a alguma delas, para louvá-lo um

¹ Refere-se a Santa a sua autobiografia, que estava na Inquirição.

pouquinho mais. Bem sabe Sua Majestade que não tenho outra ambição.

Está muito claro que, se me for dado atinar com algum ponto, todas sabem que não vem de mim. Não há motivo para pensar de outro modo. A não ser que alguma tenha tão pouco entendimento quanto eu habilidade para coisas semelhantes, quando o Senhor, por sua misericórdia, não me torna capaz.

PRIMEIRAS MORADAS

Há nelas dois capítulos

Capítulo 1

Beleza e dignidade de nossas almas. Uma comparação para dar melhor a entender essa verdade e conhecer as graças que recebemos de Deus. A porta do castelo é a oração.

1. Pedindo hoje a Nosso Senhor que falasse por mim, pois não achava assunto, nem sabia por onde começar, a fim de cumprir esta obediência, veio-me à mente o que agora vou explicar. Servirá para tudo o que disser.

Consideremos nossa alma como um castelo, feito de um só diamante ou de limpidíssimo cristal. Neste castelo existem muitos aposentos, assim como no céu há muitas moradas.¹

Se refletirmos bem, irmãs, veremos que a alma do justo é nada menos que um paraíso, onde o Senhor, como ele mesmo diz, acha suas delícias.²

Que vos parece? Como será o aposento onde se compraz um Rei tão poderoso, tão sábio, tão puro, tão rico de todos os bens? Nada posso imaginar comparável à beleza de uma alma e a sua imensa capacidade. Por agudas que sejam, as nossas inteligências não chegam a compreendê-la verdadeiramente, assim como não com-

¹ Jo 14,2; Cf. Ap 21,10-23.

² Pr 8,31.

preendem a Deus. É ele próprio quem diz nos ter criado à sua imagem e semelhança.³

Se assim é — e nisso não há dúvida — não nos cansemos tentando descrever a formosura deste castelo. Entre ele e Deus existe a diferença que vai da criatura ao Criador. Em suma, é coisa criada. Mas basta Sua Majestade afirmar que a fez à sua imagem, para termos uma longínqua ideia da grande dignidade e beleza da alma.

2. Não é pequena lástima e confusão não nos entendermos a nós mesmos, por nossa culpa, nem sabermos quem somos.

Se perguntássemos a uma pessoa quem ela é, e não soubesse responder, nem dizer quem foi seu pai, sua mãe, ou a terra em que nasceu, seria grande ignorância, coisa mais própria de animal que de homem.⁴

Bem maior, sem comparação, é a nossa insensatez, desconhecendo nosso valor e concentrando toda a atenção no corpo. Sabemos muito por alto que nossa alma existe, porque assim ouvimos dizer e a fé nos ensina. Mas as riquezas que há nesta alma, seu grande valor, quem nela habita — eis o que raras vezes consideramos.

O resultado é não fazermos caso de sua beleza, nem procurarmos com todo cuidado conservá-la. Todos os desvelos se consomem no grosseiro engaste, nas muralhas deste castelo, que são nossos corpos.

3. Consideremos agora como este castelo tem muitos aposentos ou moradas: umas no alto, outras embaixo, outras dos lados. No centro, no meio de todas está a principal, onde se passam as coisas mais secretas entre Deus e a alma.

³ Gn 1,26.

⁴ No original: *gran bestialidad*.

É preciso prestar muita atenção a esta comparação. Por meio dela, talvez queira Deus que eu explique algumas das graças que ele concede às almas e a diferença entre essas graças. Desejo explicar tudo até onde me for dado fazê-lo.

São tantas e tamanhas as graças, que ninguém seria capaz de conhecê-las todas, quanto menos eu, que sou tão ruim. Quanto a vós, se as receberdes do Senhor, sentireis grande consolo, sabendo que ele as pode fazer. Quem não as experimentar, terá motivos para louvar a infinita bondade de Deus.

Como não nos prejudica pensar na glória do céu e na felicidade dos bem-aventurados, antes nos causa alegria e nos estimula a alcançar o que eles gozam, assim também não nos prejudica sabermos que é possível, ainda neste desterro, tão grande Deus comunicar-se a vermezinhas asquerosos como nós. Será ocasião para amarmos uma bondade tão excessiva e misericórdia tão sem limites.

Quem se escandalizar de saber que Deus faz grandes graças, já neste exílio, tenho por certo que está muito desprovido de humildade e de amor do próximo. A não ser assim, como não se alegrar em que Sua Majestade dê a entender suas grandezas, seja a quem for, e faça tais favores a um irmão nosso? Isso não impede que o faça também a nós.

Algumas vezes, agirá dessa forma para manifestar sua grandeza a quem lhe apraz, como declarou a respeito do cego ao qual deu vista, quando os apóstolos lhe perguntaram se aquela cegueira era devida aos próprios pecados ou aos de seus pais.⁵

O Senhor faz estes favores a certas almas, não por serem mais santas que outras, mas para dar a conhecer as grandezas divinas — como, por exemplo, a

⁵ Jo 9,2,

são Paulo e a Madalena — e para que o louvemos em suas criaturas.

4. Pode-se objetar que tais coisas parecem impossíveis, não convindo escandalizar os fracos. Contudo, é menor mal não crerem alguns que privar do proveito espiritual as almas favorecidas por Deus. Estas ficarão consoladas e estimuladas a amar sempre mais Aquele que, possuindo tão grande poder e majestade, usa de tanta misericórdia para com elas.

Por outro lado, tenho certeza de me dirigir a almas que não estão sujeitas a tal perigo. Sabem e creem que Deus ainda pode dar provas de amor muito maiores. Quem se recusa a crer, jamais terá a experiência. Isso posso garantir. O Senhor gosta muito de quem não põe limites a suas obras. Por conseguinte, irmãs, jamais vos aconteça frear a bondade de Deus. Dirijo-me às que não forem levadas por este caminho.

5. Voltando agora ao nosso agradável e maravilhoso castelo, vejamos como se há de fazer para penetrar no seu interior. Parece disparate falar assim, porque se a alma é o castelo, claro está que não entra nele, sendo ambos uma só coisa. Com efeito, à primeira vista, pode ser desatino; é como dizer a alguém que entre numa sala onde já se encontra.

Mas ficai sabendo: há grande diferença entre os modos de estar num mesmo lugar.⁶ Muitas almas andam em torno do castelo, onde as sentinelas montam guarda. Não têm interesse em entrar nele. Não sabem o que existe nessa esplêndida mansão, nem quem mora nela, nem mesmo os salões que contém.

⁶ No original: “*mas habéis de entender, que va mucho de estar a estar*”.

Não ouvistes dizer que alguns livros de oração aconselham a alma a entrar dentro de si mesma? É esse o meu pensamento.

6. Uma pessoa muito douta dizia-me, há pouco tempo, que as almas sem oração são semelhantes a um corpo entrevado ou paralítico. Embora tenha pés e mãos, não os pode mover. É bem verdade. Há almas tão enfermas e tão mergulhadas nas coisas exteriores, que dão a impressão de não haver remédio nem possibilidade de as fazer entrar em si mesmas. É tal a força do costume de tratarem continuamente com as sevandijas e feras⁷ das cercanias do castelo, que já se tornaram, por assim dizer, semelhantes a elas. Embora tão ricas de natureza, capazes de conversar com o próprio Deus, não há remédio que lhes valha. Se não procuram entender e remediar sua extrema miséria, olhando para si, tornam-se estátuas de sal, como aconteceu à mulher de Ló, por voltar a cabeça e olhar para trás.⁸

7. Pelo que entendo, a porta para entrar neste castelo é a oração, a meditação. Não digo oração mental mais que vocal. Para ser oração é necessária a reflexão. Não chamo oração mexer com os lábios sem pensar no que dizemos, nem no que pedimos, nem quem somos nós, nem quem é Aquele ao qual nos dirigimos. Algumas vezes poderá acontecer isso a pessoas que se esforçam por rezar bem, mas será por motivos que se justificam, e será boa a oração.

Porém, o costume de falar à Majestade de Deus como quem fala a um estranho, dizendo o que lhe vem à cabeça, sem reparar se está certo, por ter decorado ou

⁷No original: *sabandijas y bestias*.

⁸Cf. Gn 19,26.

repetido muitas vezes, — a isso não tenho em conta de oração. Não permita Deus que cristão algum reze desse modo! Entre nós, irmãs, espero em Sua Majestade, jamais haverá tal. Nosso costume é tratar de coisas interiores, o que é muito bom para não cair em semelhantes brutezas.⁹

8. Não me refiro a almas tolhidas, como o enfermo que jazia há trinta anos na piscina.¹⁰ Estas, se o próprio Senhor não vier e mandar que se levantem, são bem desventuradas e correm grande perigo.

Dirijo-me às almas que querem entrar no castelo. Embora muito metidas no mundo, têm bons desejos. Encomendam-se uma vez por outra a Nosso Senhor. Refletem um pouco sobre si mesmas, não muito detidamente. No espaço de um mês, um dia ou outro, rezam distraídas com mil negócios a lhes encherem o pensamento. A eles estão de tal modo apegadas, que o coração se lhes vai, como se costuma dizer, para onde está o seu tesouro.¹¹

De quando em quando procuram libertar-se. Já é grande coisa o próprio conhecimento e reconhecer que não caminham bem para acertar finalmente com a porta do castelo. Acabam entrando nas primeiras salas de baixo. Juntamente com elas entram tantas sevandijas, que nem lhes deixam ver a beleza do castelo, nem lhes dão sossego. Entretanto, foi muito terem entrado.

9. Achareis, filhas, que tudo isso sai do assunto. Pela bondade do Senhor não sois deste número. Tende paciência! A não ser deste modo, não saberei explicar algu-

⁹ No original: *bestialidad*.

¹⁰ No texto sagrado se lê trinta e oito anos (Jo 5,5).

¹¹ Mt 6,21.

mas coisas íntimas de oração como as tenho entendido. E praza a Deus que ainda acerte em dar-vos alguma ideia do que vos quero explicar. Quando não há experiência é assunto difícil de entender. Se a tiverdes, vereis que não posso deixar de referir-me a certos pontos que, permita o Senhor por sua misericórdia, nunca nos digam respeito.